ISSN 2175-6627 (CD-ROM)
ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
21 a 23 de setembro de 2011

DOI:10.4025/5cih.pphuem.1508

Imagens como Fonte de Pesquisa sobre a Educação e o Ensino

Ana Heloisa Molina (UEL)

Resumo: O presente texto pretende apontar possibilidades de pesquisa sobre a complexidade do espaço da educação, refletindo sobre métodos de ensino, conformação de espaços, concepções sobre professores e alunos a partir de fontes imagéticas priorizando a pintura, história em quadrinhos e fotografias. Alguns percursos de leituras serão assinalados em diálogo com fontes escritas.

Para muitos pesquisadores, incorporar temas e imagens da cultura visual ao campo da pesquisa educacional contribui para o uso de outras ferramentas de análise que extrapolam a antiga restrição de meras ilustrações ao texto, implicando, conforme FISCHMAN, analisar aspectos tanto dos significados das imagens, como de sua produção e propagação enquanto elementos de jogos de poder.

Incorporar, porém, a cultura visual à pesquisa educacional não é uma tarefa fácil, pois implica problemas epistemológicos e metodológicos.

Nesse sentido, longe de ser um receituário em como utilizar tais imagens, apontaremos algumas possibilidades de temas na investigação do campo educacional a partir da pintura, histórias em quadrinhos e fotografias.

Palavras-chave: imagens, fonte de pesquisa, história e ensino.

ISSN 2175-6627 (CD-ROM)
ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
21 a 23 de setembro de 2011

O presente texto pretende apontar possibilidades de pesquisa sobre a complexidade do espaço da educação, refletindo sobre métodos de ensino, conformação de espaços, concepções sobre professores e alunos a partir de fontes imagéticas priorizando a pintura, história em quadrinhos e fotografias. Alguns percursos de leituras serão assinalados em diálogo com fontes escritas.

Em um primeiro momento consideraremos aspectos relacionados à imagem e ao universo visual.

O figurativo remonta à condição humana básica em expressar por figuras, cores e formas os sentimentos, as críticas, as emoções que**,** poderíamos dizer, vêm das inscrições pré-históricas nas cavernas, em seu caráter místico, mas, também de registro de rituais e convenções sociais esboçadas em um grupo humano em conformação.

O impacto da imagem na imaginação histórica, segundo Haskell citado em Burke (2004, p. 16), nos leva a pensar como pinturas, estátuas, publicações e assim por diante**,** nos permitem compartilhar as experiências não verbais ou o conhecimento de culturas passadas e a maneira como estas experiências foram apropriadas.

Neste universo imagético em constante transformação a questão de como estabelecer elementos de leituras das imagens apresentadas pelos diferentes suportes e meios de comunicação, se torna premente.

As significações e repertórios interpretativos são utilizados na leitura da imagem de formas muito variadas, entremeando e sobrepondo as linguagens visuais e verbais.

Para Baxandall (2006, p. 01) "[...] nós não explicamos um quadro, explicamos observações sobre um quadro" e, assim, a transposição em linguagem textual auxilia a decifração visual, intercalando as linguagens visual e verbal, pois a descrição não deixa de ser a mediadora da explicação.

Minha intenção não é valorizar uma linguagem em detrimento de outra, mas, também, como outros autores apontam, propor a intersecção de fronteiras de estruturas de pensamento, ou seja, o que as palavras muitas vezes não conseguem expressar e o que uma imagem pode re-significar para muitos sem a necessidade de verbalizar.

Lembramos que este re-significar atrela-se também ao repertório cultural, emocional e sígnico dos indivíduos participantes daquela experiência. Pensemos no exemplo de três cegos descrevendo um animal: estes não teriam a dimensão plena do conceito "animal" que tocam, e se por um lado, não possuem a visão, desenvolvem outros sentidos como o tato e o olfato e, desta forma, instrumentalizam ferramentas interpretativas através do como falar, escolhendo palavras e signos para expressar o que "vêem" com os dedos sensorialmente.

Na outra ponta, Sorlin nos alerta:

> (...) Quando se tem quinze imagens de um mesmo acontecimento, todas são radicalmente diferentes. Mas, ao mesmo tempo, todas usam um certo número de estereótipos, de *topoi* que permitem reconhecer imediatamente, por exemplo, a multidão, o rei, os bons e os maus. Isto significa que elas utilizam métodos de comunicação que provocam, com bastante freqüência, a resposta, a reação daquele que as olha (SORLIN, 1994, p.02).

Nesse aspecto, as imagens comunicam mensagens, narram histórias a partir de um lugar, provocando reações diversas e impactando emoções, promovendo sentidos e organizando significados em resposta ao olhar devolvido por aquelas imagens.

Lembremos, também, que a linguagem visual não é universal. Seus significados obedecem a um sistema de representações que se orientam por convenções educacionais, sociais, culturais, políticas, econômicas, ou seja, históricas, que implicam no exercício estruturado de interpretação e re-significação. **"**[...] Entre a imagem e o que

ISSN 2175-6627 (CD-ROM)
ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
21 a 23 de setembro de 2011

se representa, existe uma série de mediações, que não restituem o real, mas, reconstroem, voluntária ou involuntariamente a apreensão do real**",** como diz LEITE (1998, p. 41).

O observador da imagem incorpora-a entre suas imagens mentais, transferindo-a de um tipo para outro de memória, combinando em uma experiência mental, que externamente pode ser considerada inadequada ou mesmo incoerente**,** conforme BARTLETT (apud LEITE, 1998, p. 41).

Pelo fato de nem sempre a imagem ser imediata, o exercício da escrita e da proposição oral complementam-se, não restringindo a percepção visual somente à organização intuitiva.

> (...) Sem comentários, uma imagem não significa rigorosamente nada, e podemos imaginar qualquer coisa, dependendo da nossa fantasia, quando a vemos (...) A imagem pode impressionar, interessar, comover, apaixonar, mas a imagem nunca informa. O que informa é a palavra (SORLIN, 1994, p.05).

A polissemia da mensagem visual envolve ramificações de associações, uma multiplicidade de símbolos e interpretações e possui**,** como variável, um repertório cultural construído em meio às relações sociais e históricas, implicando também pela ótica do leitor, a seleção de significados, escolhendo alguns, excluindo outros.

Uma imagem é carregada de significados, mesmo que não se saiba formulá-los adequadamente em termos discursivos ou conceituais.

> [...] em torno de cada imagem escondem-se outras, forma-se um campo de analogias, simetrias e contraposições. Na organização desse material, que não é apenas visivo, mas, igualmente conceitual, chega o momento em que intervém minha intenção de ordenar e dar um sentido ao desenrolar da História – ou antes, o que faço é procurar estabelecer os significados que podem ser compatíveis ou não com o desígnio geral que gostaria de dar à História (CALVINO, 1990, p. 104-5).

Dessa forma, o desígnio de minha narrativa, descrição ou interpretação, desenha as possibilidades de leituras, apreensões e sentidos.

Como as imagens são exploradas como fontes de pesquisa na área educacional?

Gustavo Fischman (2004, p.110-1) indica o campo da pesquisa educacional norte-americana, durante a década de 1990-2000 e a emergência de vários trabalhos relacionados à cultura visual e à educação. Cita, entre outros, Eric Margolis (2000) que explorou o uso de fotografias na pesquisa educacional; Ian Grosvenor e outros (2000), que refletiram sobre o uso da evidência fotográfica em pesquisa histórica; Robert Coles e Nicholas Nixon (1998), que pesquisaram a análise textual e fotográfica conjunta da vida escolar; Diamond e Mullen (1999) que investigaram as possibilidades da pesquisa baseada nas artes; e Sandra Weber e Cláudia Mitchell (1995, 1998) que analisaram os desenhos de professores e alunos com relação às influências da cultura popular nas identidades dos professores.

Nilda Alves (2001), entre outros trabalhos, destaca a importância das imagens no contexto da educação, considerando as memórias de professores e as representações sobre a complexidade deste processo.

Para tais pesquisadores, incorporar temas e imagens da cultura visual ao campo da pesquisa educacional contribui para o uso de outras ferramentas de análise que extrapolam a antiga restrição de meras ilustrações ao texto, implicando, conforme Fischman, analisar aspectos tanto dos significados das imagens, como de sua produção e propagação enquanto elementos de jogos de poder.

> (...) Fontes visuais de informação (filmes, cartuns, desenhos, quadros, outdoors e fotografias) tanto quanto outras formas de representação não-tradicionais (Eisner, 1997;1999), devem ser utilizadas para desenvolver nosso

ISSN 2175-6627 (CD-ROM)
ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
21 a 23 de setembro de 2011

> conhecimento sobre temas antigos e recentes na pesquisa educacional. Essas fontes têm o potencial para tornar nosso trabalho não apenas mais abrangente e claro, como também mais relevante politicamente, porque as imagens tanto transmitem informações na batalha constante sobre o significado quanto mediam relações de poder. (FISCHMAN, 2004, p.121).

Incorporar, porém, a cultura visual à pesquisa educacional não é uma tarefa fácil, pois implica problemas epistemológicos e metodológicos.

Nesse sentido, longe de ser um receituário em como utilizar tais imagens, apontaremos algumas possibilidades de temas na investigação do campo educacional a partir da pintura, histórias em quadrinhos e fotografias.

Selecionamos uma pintura, entre tantas possíveis, para refletir sobre a presença da figura do professor e do aluno e seu retrato.

Antes de dialogarmos com essa fonte, não podemos deixar de apontar que ao utilizar tal imagem, indagaremos acerca do que diz a respeito da cultura em que foi produzida, avaliar sua representação e analisa-la em termos de construção: não somente a autoria, mas, o estilo (técnica e execução), suporte (parede, tela, madeira), dimensões, ano de execução e local. Dados como esses contextualizam a fonte documental e trazem indícios preciosos para o entendimento da imagem.

A ilustração 01, *A jovem professora*, (c.1736/7) de Jean-Baptiste Chardin (1699-1779) é um óleo sobre tela., com a dimensão de 62cmx166cm.

Chardin nasceu em Paris e devido à sua aguda observação do cotidiano, tornou-se um dos mais célebres pintores do barroco francês e um precursor dos pintores impressionistas. Filho de um artesão foi admitido na *Académie de Saint-Luc* (1724) como mestre-pintor e quatro anos mais tarde, foi aceito na Academia de Paris, conquistando o título de acadêmico ao expor a natureza-morta *La Raie* (1728).

Embora não fosse um pintor de cenas históricas, anos mais tarde, tomaria parte do Conselho e seria seu tesoureiro (1755). A natureza-morta, representações de frutos e animais, na época considerada um gênero menor e de fácil execução, ganhou destaque na sua produção. Nessa década, Chardin passou da natureza-morta à pintura de gênero, com personagens em cenas domésticas, em geral com modelos femininos, representando cenas da vida da burguesia francesa, que se tornava cada vez mais influente.

Faleceu, quase cego, em seu apartamento no Louvre, na cidade de Paris, onde residia. O artista foi muito importante na pintura francesa do século XVIII devido a ter retratado em suas obras os costumes da época, com obras simples, mas carregadas de emoção. Tais pinturas possuem uma concentração de tons vivos combinados com uma refinada técnica de concepção.

O quadro em questão trata de uma jovem mulher que ensina uma criança a ler, pintado em um estilo simples e direto. As sensações provocadas por este quadro relacionam-se aos laços sentimentais que parecem unir as personagens, de uma forma silenciosa, tranqüila e sensível.

No contexto do século XVIII podemos perguntar a esse quadro sobre temas como educação burguesa e relação professor–aluno, dialogando com os preceitos educacionais baseados na moral da época (valores naturais e sentimentos) e os indicativos prescritos por Rousseau e Diderot, este quanto ao conhecimento enciclopédico e o aquele quanto ao homem e seu contato com a natureza e por conseguinte, a formação de seu caráter.

ISSN 2175-6627 (CD-ROM)
ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
21 a 23 de setembro de 2011

Ilustração 1. A jovem professora (c.1736/7). Óleo sobre tela. 62cmx166cm. Jean-Baptiste Chardin (1699-1779)

As histórias em quadrinhos surgem em fins do século XIX e acompanham as mudanças nos meios de comunicação de massa, em especial, os periódicos e atingem públicos diferenciados tanto sócios, quanto economicamente.

Utilizando-se de uma linguagem mista, com signos verbais e não verbais, difundem-se universalmente, sendo denominadas de *comic strips* (EUA), *bandes dessinés* (França), f*umetti* (Itália) e g*ibi* (devido à revista popular brasileira nas décadas de 1940 e 1950).

Para este texto escolhemos o personagem Mafalda, criada por Joaquim Salvador Lavado (Quino) em 1963 e publicado, de forma inédita, em semanários e jornais até 1973, quando seu autor decide parar de desenhá-la. Seu livro é lançado no Brasil em 1981.

O contexto de sua publicação atinge o período de ditadura na Argentina e a ocorrência da Guerra Fria, influenciando o perfil dos vários personagens do entorno de uma menininha contestadora, de família pequena burguesa, que odeia sopa e preocupa-se com o mundo.

As ilustrações 02, 03 e 04 dizem respeito à relação professor aluno e além: metodologias utilizadas por professores e aprendizagem significativa.

Poderíamos indagar a pertinência das falas naquele momento: o que representariam? Quais críticas implícitas estariam colocadas? Como hoje são ou não pertinentes?

ISSN 2175-6627 (CD-ROM)

Ilustração 2. QUINO. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 2000

Ilustração 3. QUINO. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Ilustração 4. QUINO. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

A ilustração 05 nos faz refletir sobre a propaganda naquele período nas escolas e na formação de professores acerca do uso dos recursos audiovisuais nas aulas.

Tais recursos foram preconizados como salvadores dos sistemas educacionais ou como substitutos da figura do professor, promovendo diversos debates e polêmicas à época. Hoje, poderíamos pensar na relação das tecnologias de informação e

ISSN 2175-6627 (CD-ROM)
ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
21 a 23 de setembro de 2011

comunicação e a veiculação/difusão/consumo de informações em várias mídias. Quais foram as permanências e as rupturas nesse sentido?

Ilustração 5. QUINO. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

A ilustração 06 nos remete à organização de conteúdo curricular e o neologismo utilizado, distanciando o cotidiano do aluno e suas representações em manuais escolares. Quais as seleções, escolhas e silêncios empreendidos na organização curricular da década de 1970 e hoje? São algumas das questões passíveis de serem realizadas.

Ilustração 6. QUINO. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Vejamos agora a respeito de fotografias. No início do século XX a fotografia faz parte da vida das pessoas e essas registram viagens, cotidiano, momentos marcantes. Como elemento presente nos meios de comunicação acerba as exigências dos leitores quanto a qualidade e expressão das mensagens em seu interior.

Ao pensarmos nessa fonte documental precisamos considerar alguns aspectos como a relação entre a imagem e o objeto fotografado; a idéia de janela recortada pela fotografia com uma origem calcada na pintura renascentista; o testemunho realizado por aquela imagem e a composição/criação dada pelo fotógrafo e a relação entre fotógrafo e fotografado. Não podemos esquecer também as circunstâncias e limites colocados pela tecnologia empregada daquele momento analisado.

As mensagens fotográficas são colocadas sob a ótica da leitura e interpretação, tanto de seus elementos constitutivos internos, quanto pelo recorte e tema, tendo como variável à decifração, o repertório cultural individual do leitor.

ISSN 2175-6627 (CD-ROM)
ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
21 a 23 de setembro de 2011

As intencionalidades podem ser analisadas em níveis: preconcebida, premeditada ou planejada, considerando, também, os planos escolhidos, que agregam valor ao sujeito e ao tema recortado.

Optamos por duas fotografias oriundas de arquivos escolares (outra fonte de arquivo riquíssima) onde estabelecemos duas propostas.

A ilustração 07 considera aspectos da arquitetura escolar podendo dialogar com fontes escritas como os preceitos higiênicos daquele momento, o contexto histórico (no caso as transformações sociais, políticas e educacionais da Era Vargas) e a própria disposição espacial enquanto elemento de organização e hierarquização de poder.

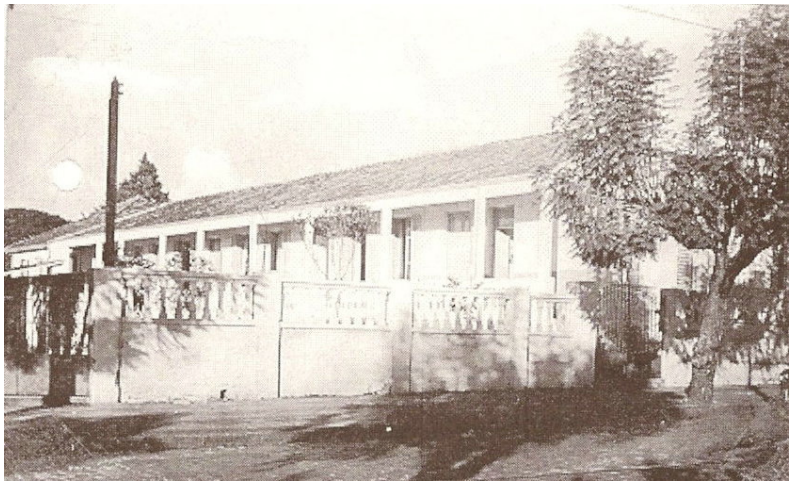

Ilustração 7. Fachada do edifício do Grupo Escolar Dom Barreto. Década de 1940
Fonte: Arquivo da escola

A ilustração 08 pode nos propor aspectos relativos à disciplinarização dos corpos, as classes sociais representadas, as posturas de alunos e professores, o modelo de aula para os meninos (as classes separadas por gênero), o currículo estabelecido entre outras questões.

Essa fonte documental oferece rica possibilidade de leituras acerca de outros temas como a formação de professores (vide, por exemplo, os álbuns de escolas normalistas), as identidades reorganizadas para alunos e professores, os desfiles cívicos, as mudanças nos entornos das escolas e porque não, um diálogo com a arquitetura e seu interior nos dias de hoje.

ISSN 2175-6627 (CD-ROM)
ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
21 a 23 de setembro de 2011

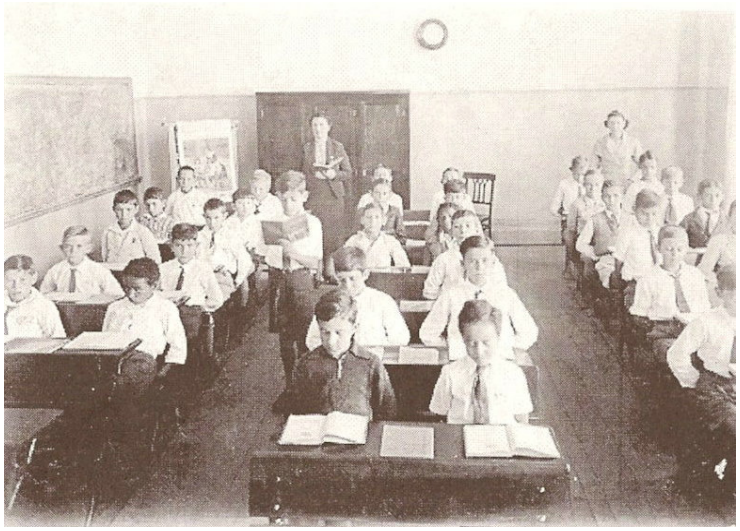

Ilustração 8. Aula de leitura. Seção masculina Grupo Escolar O. Maia, 1939.
Fonte: Arquivo escolar

À guisa de conclusão propomos que o universo visual de tais fontes oferece inesgotáveis possibilidades e contribuições para o campo da pesquisa educacional provocando outros olhares e novas perguntas às imagens e arquivos, muitos ainda, inexplorados, no espaço da escola.

Referências bibliográficas:

ALVES, Nilda. *Espaços e imagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenção*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. História e imagem. Bauru: Edusc, 2004.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

FISCHMAN, Gustavo. Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educacional. In. CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda (orgs.). *A leitura de imagens na pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

FOERSTE, Gerda. *Leitura de imagens*. Um desafio à educação contemporânea. Vitória: Edufes, 2004.

LEITE, Miriam M. Texto visual e texto verbal. In. BIANCO, Bela e LEITE, Miriam M. (orgs.). *Desafios da imagem*. Campinas: Papirus, 1998.

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas, as imagens testemunhas da história. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, 1994.